



 CONGRESSO INTERNACIONAL

O curso de Licenciatura em Pedagogia para quem não quer exercer a profissão professor

Karoline da Silva Guedes de Freitas
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
karolzinhaguedes_2006@hotmail.com

Kellen Machado dos Santos Padilha
Universidade Federal de Santa Maria- UFSM
kellensmsantos@hotmail.com

Estela Maris Giordani
Universidade Federal de Santa Maria- UFSM
Faculdade Antonio Meneghetti - AMF
estela@pesquisador.cnpq.br

1 Introdução

A pesquisa nasceu com o propósito de compreender o motivo que leva as pessoas a fazer o curso de Pedagogia e não exercer a profissão após o término da licenciatura. Serão considerados alunos que entraram julgando ser o curso correto, mas que se sentiram desmotivados de alguma forma ao decorrer da formação, fazendo com que ao concluir a licenciatura não queiram ser professor, ou que entraram devido à baixa procura pelo curso e baixo ponto de corte, mas também aqueles que iniciaram o curso somente pensando em ter uma graduação. A pesquisa tem o objetivo de descobrir o valor do curso de pedagogia na vida dessas pessoas, como se sentiram ao longo do curso, na relação com colegas e professores ao

refletir sobre não querer ser professor, se o curso de alguma forma fez mudar seu modo de agir e pensar, e se acredita que a formação em pedagogia irá auxiliar na sua vida profissional, mesmo que sua atuação seja em outra área.

O profissional formado em pedagogia não necessariamente precisa ser professor, e exercer práticas educativas em ambiente escolar. Ser pedagogo remete-se ao imenso conjunto de outras práticas, sendo do ato de educar, a elaboração de projetos educativos, em ambientes não escolares como empresas, hospitais, como também ser mais humano, e compreender as diversidades culturais que temos em nossa sociedade e, acima de tudo, respeitar as dificuldades dos outros e que cada um tem seu tempo para aprendizagem. O presente estudo foi norteado pela pesquisa exploratória de cunho qualitativo. A pesquisa qualitativa parte de questões amplas que se aclaram no decorrer das investigações, através de diferentes caminhos, não apresenta uma proposta rigidamente estruturada, que permite ao investigador familiarizar-se mais ao assunto pouco explorado. A pesquisa qualitativa exploratória caracteriza-se pela análise do fenômeno no contexto que está inserido, nos permite por meio de palavras e conceitos familiares, compreender o conteúdo dos dados analisados. Não procura enumerar ou medir eventos estudados, nem emprega dados estatísticos, ou seja, parte de questões ou focos de interesse, envolvendo obtenção de dados, lugares e processos interativos, com contato direto entre o pesquisador e o caso estudado.

A forma utilizada para a pesquisa foi o questionário, a fim de coletar informações pertinentes para compreensão do assunto pesquisado. Composto por seis perguntas que ambiciona buscarem explicar por que o docente em pedagogia, depois de formado, não exercer a profissão professor. O questionário contém as seguintes perguntas: 1) quais motivos levaram você a não querer exercer a profissão professor; 2) como percebe colegas que prestam vestibular para o curso de pedagogia, devido ao baixo ponto de corte; 3) qual o valor do curso de pedagogia para sua vida; 4) quais aprendizagens que foram possibilitadas pelo curso de pedagogia e que possam ser levadas para sua vida; 5) o curso mudou sua forma de agir e pensar; 6) como se sentiu ao longo do curso na relação com colegas e professores ao refletir não querer ser professor; 7) você acredita que a formação em pedagogia pode lhe auxiliar em sua profissão por mais que seja em outra área.

Todos os participantes responderam ao mesmo questionário. Alguns foram por meio de questionário enviado por e-mail mas respondido da mesma forma. Outras foram através de relatos por meio de depoimento, mas transcrito conforme relato do entrevistado.

Os sujeitos da pesquisa foram cinco alunas do décimo semestre do curso noturno da UFSM, uma do sexto semestre diurno da UFSM e uma que já concluiu a graduação, totalizando sete sujeitos pesquisados. Os pesquisados foram identificados pela letra A de acadêmica seguido da numeração 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7. As pesquisadas responderem ao questionário sendo as respostas transcritas e separadas por questões em um quadro com identificação do entrevistado, por fim, foram analisadas as respostas e agrupadas em outro quadro por temas comuns, surgindo três temas centrais: a) questão salarial x Valorização Profissional x Qualificação Profissional; b) precariedade da educação; c) diferentes áreas de atuação do pedagogo: nesse tema foram agrupadas as respostas sobre os diferentes campos de atuação do pedagogo, a não identificação com o curso, que o curso colaborou para ser mais humana e compreensiva e seus sentimentos quando manifestou não querer ser professora.

Após análise dos dados, a fim de compreender as dificuldades encontradas pelos acadêmicos em sua formação, que os levassem a não querer exercer a profissão professor, passamos então, a analisar as repostas das acadêmicas, confrontados com os fundamentos teóricos de autores que escrevem sobre o assunto. Os resultados relacionados à compreensão, características e fatores da pesquisa serão expostos a partir de três temas centrais: Questão salarial x Valorização Profissional x Qualificação Profissional, Precariedade da educação e Diferentes áreas de atuação do pedagogo.

2 Questão salarial x valorização profissional x qualificação profissional

O atual cenário no quadro da carreira docente nos mostra que um professor para ter um salário razoável precisa trabalhar três turnos do seu dia, enquanto que comparada com outras profissões, como por exemplo, o médico, que é possível ganhar o salário do professor em uma semana. Analisando as respostas da pesquisa, pode-se observar a grande desmotivação que pode acarretar a questão salarial. Conforme relatos das acadêmicas:

[...] muito incômodo para pouco retorno. (A2)

[...] A escola não dava o suporte necessário e pagavam pouquíssimo aos educadores[...](A3)

[...] O desejo de não querer ser professora veio no decorrer do curso, principalmente por questão salarial[...](A4)

Estudos de Kuenzer e Caldas (2007, p.11) mostram que as condições salariais dos docentes têm estreita relação com o processo de intensificação do trabalho e com o acúmulo e a diversificação de funções, produzindo a figura do professor tarefeiro, ou seja, “um sentimento de iniquidade salarial, percebido pelos professores como a incompatibilidade entre

o salário recebido e o trabalho realizado” que se limita a repassar os conhecimentos elementares. No caso estudado, para conseguirem melhores salários, os professores acabam se submetendo a maçantes jornadas que incluem atividades em outras instituições de ensino, muitas vezes três turnos do seu dia. Infelizmente essa é a condição que irá possibilitar de se ter uma condição de vida minimamente decente.

O pedagogo ao se submeter a extensas jornadas de trabalho, acaba abrindo mão, muitas vezes, de seus lazeres, girando seu mundo em torno de trabalho. Segundo dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT) 2013¹, a profissão professor está entre as mais desgastantes e com maior incidência de estresse e depressão ao profissional. Cury também salienta que:

De acordo com pesquisa do instituto Academia de Inteligência, no Brasil, 92% dos professores estão com três ou mais sintomas de estresse e 41% com dez ou mais. É um número altíssimo indicando que quase a metade dos professores não deveria estar em sala de aula, mas internada numa clínica antiestresse. Compare com este outro número: na população de São Paulo, dramaticamente estressada, 22,9% estão com dez ou mais sintomas. (CURY, 2008, p. 46).

O estresse dos professores equivale a quase duas vezes o estresse da população de São Paulo. Dentre os causadores dos problemas estão à remuneração insuficiente, alto grau de responsabilidade com os alunos, desvalorização da profissão e insatisfação profissional. Satisfação é definida por Oliveira (2009, p. 196), como “um conjunto de sentimentos favoráveis ou desfavoráveis com os quais os empregados vêm seu trabalho”. Satisfação do trabalho pode referir-se às atitudes de apenas um empregado, bem como ao nível geral de satisfação de bem estar. Assim como relatado pela acadêmica A3:

[...] trabalhei com professores totalmente desqualificados, alguns deles não tinham acesso à internet e não tinham nem sequer um e-mail, não sabiam usar a gramática corretamente e minha desilusão maior foi ao saber que nem a coordenadora pedagógica sabia escrever corretamente, pois diversas vezes escreveu bilhetes aos pais dos meus alunos com erros gramaticais[...]
(A3)

O relato nos mostra o reflexo de uma curso de formação fragmentada com tamanha desqualificação e problemas estruturais e epistemologicamente frágil, ao ponto de não saber escrever corretamente, pois os pais estão cada vez mais preocupados com a educação de seus filhos, e a cada dia, estamos mais inseridos em um mundo altamente tecnológico. Como diria Libâneo (2002, p.56) “ o educador não é mais apenas o docente, são os múltiplos agentes

¹<http://www.parana-online.com.br/editoria/mundo/news/156431/> - Acesso em 30 de Junho 2014.

educativos conforme as instancias em que operem (família, escola, meios de comunicação, fabrica, movimentos sociais etc.)”, sendo caráter obrigatório ao mínimo saber escrever corretamente e manusear computadores, caso tenha que redigir um e-mail aos pais. Deve sempre buscar qualificação profissional, ser um eterno aprendiz.

A qualificação profissional é de extrema importância para o reconhecimento e valorização da profissão, pois professores mal qualificados repassam uma imagem negativa para sociedade. Fazendo com que pensem que todos os professores agem da mesma forma desinteressada e desqualificada. Conforme a acadêmica A1 relata em seu depoimento que “[...] O esquema de valorização dos professores é injusta. O professor que se esforça e faz seu trabalho corretamente, tendo como objetivo educar e auxiliar crianças a agir corretamente perante a sociedade recebe o mesmo olhar e valorização que o seu colega que entra e sai de uma sala de aula apenas por obrigação [...]”. Diante dos fatos expostos como baixos salários, desvalorização da profissão, qualificação profissional e principalmente o estresse causado por todos os fatores mencionados, há sim profissionais que fazem a escolha por influências pessoais, ou por falta de opção como relato da A3 “quando eu decidi pelo curso de pedagogia primeiramente foi por falta de opção” ou por exigência da sociedade conforme relato da A1:

A obrigação de cursar um curso superior leva alunos a escolher o curso de menor ponto de corte. Isso forma cada vez mais profissionais frios. São alunos que por exigência da família ou para realizar um sonho frustrado de um familiar, acabam escolhendo o mais fácil, porém esquecem que exige maior responsabilidade profissional. ” (A1)

Entendo que nossas escolhas ajudam a contribuir para nosso cenário da educação, afinal o mercado de trabalho exige sim cada vez mais aperfeiçoamento do ser humano, fazendo com que a pressão psicológica de crescer profissionalmente ou apenas de se conseguir um emprego, faça com que o aluno escolha o curso porque não sabem o que querem cursar ou que tenha o ponto de corte mais baixo, ou por não acreditar em seu potencial. De acordo com Freire (1980, p.20) “a educação deve preparar, ao mesmo tempo, para o juízo crítico das alternativas propostas pela elite, e dar a possibilidade de escolher o próprio caminho”. Sendo assim, a escolha não será perdida, pois aprendizagem é fundamental para o ser humano e essencial para seu desenvolvimento acadêmico e com certeza irá servir de base para outras escolhas, conforme relato da acadêmica A2: “Inscrevi-me na Pedagogia exatamente por este motivo, baixo ponto de corte, afinal só me interessa ter superior completo para prestar concursos públicos.” Analisando as respostas, podemos observar que até mesmo quem ingressa no curso de pedagogia, tem um preconceito em relação à licenciatura e a

importância do pedagogo para a sociedade. Conforme o relato: “Cursar pedagogia foi importante para saber que não tenho o dom de ser professora. Não basta ter forte instinto maternal e gostar de crianças [...]”(A1).

Antes de presenciarem o trabalho do pedagogo acreditavam que se tratava de um trabalho que não exija formação, para o qual seria suficiente gostar de crianças ou ter instinto maternal que se pode cursar o curso de pedagogia. Esse é um pensamento simplista e equivocado, pois não existe instinto materno e, até mesmo para ser mãe é preciso ter conhecimentos, habilidades e acima de tudo comprometimento, afinal se educamos as crianças apenas com nossa intenção de fazer as coisas boas acabamos cometendo erros muito básicos ao educar os seres humanos, pois a educação não decorre do espontaneísmo ou acaso. Já dispomos de capacidade e um conjunto bastante estruturado de como melhor educar o ser humano para desenvolver as suas potencialidades. O trabalho do pedagogo é de extrema importância no desenvolvimento do cidadão, pois carrega em suas mãos a responsabilidade de conduzir a criança ao conhecimento de forma prazerosa e inteligente.

O processo de ensinar, que implica o de educar e vice-versa, envolve a “paixão de conhecer” que nos insere numa busca prazerosa, ainda que nada fácil. Por isso é que uma das razões da necessidade da ousadia de quem se quer fazer professora educadora, é a disposição pela briga justa, lúcida, em defesa de seus direitos como no sentido da criação das conceições para a alegria na escola[...].(FREIRE, 1997, p. 9).

Para além de conduzir as crianças ao conhecimento, o mesmo é responsável por conhecer o seu aluno e saber trabalhar em cima de suas dificuldades, limitações e principalmente respeitar suas opiniões. Assim o despreparo do professor incide diretamente nas percepções do aluno, assim como relatado pela acadêmica A3:

[...]os professores pregam uma teoria que eles mesmos não aplicam. Há professores inclusive que nunca colocaram seus pés dentro de uma sala de aula, não respeitam nossa forma de pensar e acham que tudo é igual como diz nos livros, só que na prática é totalmente diferente [...]

O professor deve agir como mediador, e são as suas qualificações profissionais, que o tornará capaz de instigar não só a criança, como o ser humano em geral na construção do conhecimento. E, assim como as demais profissões, merece respeito e valorização. Atualmente não há mais lugar para professores que utilizam a mesma metodologia ou atividades, desde o início da sua formação, o “caderninho amarelo” conforme relato da acadêmica A5, mas sim professores apaixonados pelo que fazem, capazes de construir em conjunto com a criança, uma educação de qualidade.

Cabe a nós pedagogos buscarmos e mostrarmos que somos qualificados e merecemos ser valorizados e bem remunerados. Assim como se podemos observar no relato da acadêmica A3: “[...] Hoje, moro em outro país e trabalho como babá. Posso dizer que ser formada em pedagogia me ajuda muito, tanto na hora de conseguir o emprego, por ser graduada, quanto na hora de trabalhar com crianças, isso me faz ser mais valorizada e me satisfaz completamente”. Afinal nada é mais gratificante que a satisfação profissional, independente de qual área ou profissão será seguida, em âmbito escolar ou não

3 Precariedade da Educação

Nossa realidade, infelizmente é de escolas precárias, mal administradas por seus gestores, sem apoio suficiente aos professores, para que os mesmos consigam no mínimo trabalhar descentemente. De acordo com pensamento de Cortella (2004, p.44) as representações do espaço escolar estão permeadas por duas ordens “os produtos materiais (as coisas) que estão impregnados de idealidade e os produtos ideais (as ideias) que estão entranhadas de materialidade, esta treliça de elementos: físico, humano e ambiental ao serem interpretados passam a ter um significado maior, os quais chamaram conhecimento”. Para Vidal Didonet,

O espaço da escola não é apenas um 'continente', um recipiente que abriga alunos, livros, professores, um local em que se realizam atividades de aprendizagem. Mas é também um 'conteúdo', ele mesmo é educativo. Escola é mais do que quatro paredes; é clima, espírito de trabalho, produção de aprendizagem, relações sociais de formação de pessoas. O espaço tem que gerar ideias, sentimentos, movimentos no sentido da busca do conhecimento; tem que despertar interesse em aprender; além de ser alegre aprazível e confortável, tem que ser pedagógico. Há uma 'docência do espaço'. Os alunos aprendem dele lições sobre a relação entre o corpo e a mente, o movimento e o pensamento, o silêncio e o barulho do trabalho, que constroem conhecimento (FUNDESCOLA/MEC, 2006).

A reportagem da revista Veja de 2012² indica que atualmente o Brasil investe em torno de 5,7% do PIB (Produto Interno Bruto) em educação, sendo o 15º colocado no *ranking* que mais investe o PIB em educação entre 42 países da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico). E mesmo assim nosso cenário nos mostra tamanha precariedade, conforme relato da acadêmica A5:

[...] profissão professor, que precisa muitas vezes ser mágico para chamar atenção das crianças, pois não tem material disponível, escolas mal

²<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/o-brasil-investe-em-educacao-um-percentual-do-pib-de-primeiro-mundo-e-colhe-um-resultado-de-terceiro-e-dinheiro-que-falta-nao-e-competencia-mesmo-mas-nao-se-diga-isso-na-era-petista/> Acessado em 06 de Julho 2014.

estruturadas, sem laboratório de informática, sem laboratório de ciências, e o que me deixa mais triste, é pensar onde está indo esse dinheiro que deveria vir para a educação e não chega até as escolas, atualmente não se enquadra em meus objetivos futuros.

Nosso governo não precisa investir mais porcentagem do seu PIB em educação, pois o valor destinado é alto, na verdade precisa ser melhor distribuído e adequado às necessidades das escolas, após fazer uma análise de sua realidade. A destinação das verbas devem ser analisadas a cerca das necessidades das escolas, e dos sujeitos nela envolvidos, para assim suprir as dificuldades encontradas pelos educadores, como relatado pela acadêmica A1:

[...] A incansável luta diária de um professor não era pra mim. Trabalhar com crianças de diferentes idades, dificuldades de aprendizagem e até mesmo deficiência física, mental ou comportamental, todos juntos dentro de uma sala de aula, sendo que muitas não recebem o apoio suficiente do governo para ter uma sala de aula adequada, e demais dependências da escola[...].

O relato destaca uma questão importante, que trás a inclusão para sala de aula do pedagogo, me questiono, até que ponto podemos considerar essa escola inclusiva, afinal como dito no depoimento, recebemos crianças com diferentes idade, diferentes deficiências e muitas vezes sem receber o apoio suficiente do governo. Mas será que a culpa cabe somente ao governo, ou ao professores também?

Durante o curso de dez semestres trabalhamos apenas dois semestres de educação especial, sendo um semestre de 60h e outro de 30h, do total de 3400 horas do curso de pedagogia. Na minha inserção e monitoria realizada no primeiro semestre de 2013, havia uma criança com autismo e não havia na escola, educadora especial, na universidade, questionei a diretora sobre o assunto e a mesma respondeu que já havia solicitado e não havia sido atendida. Sendo assim, a professora acabava trabalhando conforme seu entendimento lhe permitia, a mesma realizava atividades com as demais crianças e trabalhava isoladamente com o aluno especial, ou seja, excluía o aluno do restante da turma. Exatamente como Pires nos expõem:

A legislação, por si só, não operará tal mudança. Até mesmo por que, em relação a mais esse texto legal, a atitude da sociedade tende, como sempre, a fazer de conta de que ela não existe, ou que facilmente pode ser transgredida, atitude já cristalizada no aforismo: “ A lei...Ora lei...! (1997, p. 24).

Vivemos em mundo que a cada dia está mais forte a presença de pessoas incluídas na sociedade. Cabe ao professor buscar o conhecimento, transformando conceitos em atitudes de modo a assegurar que o aluno com deficiência seja bem acolhido no ensino regular, em conjunto com o governo, para termos escolas estruturadas com rampas de acesso, banheiros

adaptados, educadores especiais, professores com aperfeiçoamento profissional, intérpretes, material especial para deficientes visuais. Afinal o mínimo que se deve ao aluno dentro da escola é conforto e estrutura para que eles se sintam bem em âmbito escolar e assim se desenvolver intelectualmente.

Pedagogos se sentem frustrados ao se deparar com a realidade escolar, e o novo, o faz sentir medo ao ponto de contribuir para não querer exercer a profissão, conforme relato da acadêmica A1: “[...] via ao meu redor pessoas motivadas e com o dom de ensinar e educar. A incansável luta diária de um professor não era pra mim, sentia medo do diferente [...]”. Esse sentimento de medo por não estarem preparados é comum. Afinal a graduação é o início de uma longa caminhada para o aperfeiçoamento, pois na escola e durante a nossa vida encontramos pessoas que nós e a sociedade titulamos ser normais, e quando foge do nosso cotidiano, nos sentimos confusos e inseguros. Segundo Pires:

É que, a partir de agora, a “normalidade” da escola, sofre um abalo, pois por força da legislação, as portas da escola comum se abrem para receber o indivíduo com deficiência. Essa fusão, evidentemente, gera confusão, provoca uma crise-escola e educadores não se sentem preparados para enfrentar tal desafio, para triunfar sobre essa crise, como afirma Weber (1991), é preciso acionar mecanismos revolucionários (1997, p. 24).

Devemos ser capazes de aceitar que vivemos em um mundo com constantes mudanças, pois somente assim que ela irá se concretizar, reconhecendo que o papel de professor é tão importante quanto à dos governos, desprendendo-se do trivial que estamos habituados a viver, buscando o desenvolvimento da sua prática. Ou seja, uma reestruturação das escolas e da sociedade envolvida.

4 Diferentes áreas de atuação do pedagogo

O pensamento de Libâneo (2001, p.33), que “pedagogo é o profissional que pode atuar em várias instâncias, sendo elas educativas ou não” e do pensamento de Brandão (1993, p.9) expõe que “educação não ocorre de uma forma única nem que há um único modelo a ser seguido”. E, de acordo com a Resolução CNE / CP Nº 1 de 15 de maio de 2006 o profissional formado em pedagogia pode exercer sua profissão em diferentes áreas e não somente em âmbito escolar, precisamos entender o papel da pedagogia na sociedade. Para que assim possamos compreender melhor as diferentes áreas de atuação e sua importância para a sociedade. Para Meneghetti pedagogia significa:

[...] a arte de como coadjuvar e desenvolver a criança à realização. O escopo prático é educar o sujeito a fazer e saber a si mesmo: fazer uma pedagogia de

si mesmos como pessoas líderes no mundo. Educar um Eu lógico histórico com condutas vencedoras (MENEGHETTI, 2007, p. 8).

Após compreender o que é pedagogia, podemos fazer uma análise melhor das repostas das acadêmicas, sendo possível perceber que, durante a sua formação, não tiveram muito contato com os diferentes campos de atuação que o pedagogo pode seguir, assim como relato da acadêmica A4 e A6:

Lamentavelmente o curso de pedagogia noturno não contribuiu muito para meu aprendizado que tinha interesse em conhecer as diferentes áreas, além de ser professor, que a profissão nos permite, pois me mostrou um aprendizado segmentado, engessado e carente de profissionais realmente preocupados com a realidade dos alunos que optaram por essa modalidade. (A6)

Nos depoimentos destaco a abertura dos professores para outras possibilidades de atração. Realmente como relatado pelas colegas, durante minha formação também houveram poucos professores que conversaram sobre as diferentes atuações possíveis ao pedagogo, pois infelizmente trabalham de uma forma engessada, como se saíssemos habilitados apenas para ser professor. Durante minha formação foi exposto o assunto apenas por uma professora na disciplina de PED (Práticas Educativas), a mesma nos trouxe palestrantes que atuavam em outras áreas, como pedagogia empresarial, hospitalar, gestão escolar, recursos humanos, assim nos possibilitando de conhecer as diferentes experiências. De acordo com Libâneo:

Os cursos de pedagogia, de modo geral, oferecem a seus alunos estudos disciplinares das ciências da educação (psicologia, filosofia, história, sociologia e outras) que, na maioria das vezes, ao partirem dos campos disciplinares das ciências-mãe para falar sobre a educação, o fazem de maneira meramente disciplinar, sem dar conta da especificidade do fenômeno educativo e, tampouco, sem tomá-lo nas suas realidades histórico-sociais [...] (2001, p.17).

Nesta mesma direção observamos que os professores das diferentes disciplinas fazem a mesma abordagem quando operacionalizam os conhecimentos específicos de outras áreas como psicologia, filosofia, história, sociologia da educação. Diante dos relatos das acadêmicas, se pode observar que dentro da graduação há pessoas que pensam na atuação do pedagogo somente como professor, conforme relatos:

[...] Porque afinal muitos têm o pensamento que se você escolheu Pedagogia você obrigatoriamente será professor [...] (A2)

[...] no início sempre ouvi de alguns colegas, que estava tirando lugar de alguém, pois eu não queria ser professor, mas acredito que isto não é verdade, pois me dediquei sempre e ao longo do curso, foram apresentadas outras áreas de atuação.(A7)

Além do pensamento errôneo de que na formação em pedagogia, você obrigatoriamente precisa ser professor. Ninguém tira o lugar de ninguém, por não querer exercer a profissão, pois as vagas não são sorteadas e sim ofertadas e ocupadas através de um processo seletivo. Neste são testados os conhecimentos mínimos do candidato, a fim de cursar a graduação. Diante das restrições feitas por suas colegas de graduação, diferentes sentimentos foram relatados pelas acadêmicas:

Algumas vezes me senti um peixe fora da água [...] [...] Muitas vezes até não comentei sobre minha decisão de não querer seguir a profissão docente por vergonha.(A2)

[...]no início senti um pouco deslocada[...] (A4)

Assim, somente confirmando, o modo de pensar simplista e preconceituoso da sociedade na qual estamos inseridos, descartando a grande contribuição valiosa do pedagogo para a sociedade. Penso que tanto em nossa vida profissional como pessoal, devemos sempre ter em mente, que a motivação tem um papel fundamental, pois faz com que superamos nossos sentimentos, sejam eles de vergonha ou impotência, tornando assim nossos dias melhores. Essa superação faz com que nosso sentimento de satisfação, nos permita realizar atividades prazerosas e desempenhar a nossa profissão de modo a transmitir ao próximo mais confiança e segurança de seus atos. Enfim ser pedagogo é ser capaz de desenvolver o potencial humano e, os relatos das acadêmicas deixam claro minha reflexão:

O curso de pedagogia me ensinou muito, principalmente a ser mais humana, a pensar mais no outro, todo ensinamento levarei para a vida toda [...] [...] sou uma pessoa muito melhor e acredito que toda faculdade deveria ter cadeiras da pedagogia, para pensar mais no outro, ser mais humana.[...]a pedagogia irá me auxiliar muito, pois durante o curso pude aprender a respeitar as dificuldades das outras pessoas e que cada um tem seu tempo de aprendizagem.(A5)

Todos os relatos nos mostram o termo, “mais humana”, ou seja, as tornou um ser capaz de pensar mais no outro, a respeitar mais as dificuldades das pessoas e fez com que pudessem se encontrar consigo mesmas enquanto profissionais. Independente de qual área for seguir, podendo ser âmbito escolar, ONGs(organizações não governamentais) ou RH (recurso humano), afinal, importa apenas o resultado final, de agregar algum valor ou conhecimento ao próximo de forma significativa e da melhor forma possível.

Mas afinal qual é o papel do pedagogo em diferentes áreas que a acadêmica A4 nos traz em seu relato:

[...]é um curso amplo, de várias opções de atuação e com o decorrer do curso não me identifiquei em dar aula, não há uma resposta específica para

o não querer dar aula, só senti que não é esse meu caminho, como trabalhei na área administrativa por toda a minha vida profissional, resolvi levar a pedagogia para o lado administrativo[...] (A4)

Procurando compreender os diferentes campos de atuação do pedagogo, serão abordados alguns campos como pedagogia hospitalar, pedagogia empresarial e pedagogia social. Ao analisar as diferentes áreas de atuação do pedagogo, se pode observar que o objetivo principal a ser alcançado, independente do lugar ou do método utilizado é ir à busca da educação, a fim de construir uma sociedade melhor preparada, mas qualificada e esclarecida de seus direitos e deveres. De acordo com Brandão:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações. [...]. (1993, p. 7).

A educação consiste no ato de ensinar e aprender, não sendo de caráter único, nem somente de apenas uma forma, podendo acontecer assim em diferentes lugares, ou seja, educação infantil, anos iniciais, educação rural, indígena ou até mesmo em ambientes não escolares como hospitais e empresas, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Pedagogia (DCN/Pedagogia, 2006)

No entanto ao analisar as matrizes curriculares do curso de pedagogia EAD da UFSM³ e do Curso de pedagogia Noturno da UFSM⁴, não há cadeiras que mostrem aos graduandos as diferentes áreas de atuação do pedagogo, e nem mesmo é permitido que o estágio seja realizado em outra área que não seja educação infantil, anos iniciais ou EJA, como se o pedagogo pudesse atuar somente como professor e não em diferentes ambientes não escolares, como garante as Diretrizes Curriculares Nacionais:

- estágio curricular que deverá ser realizado, ao longo do curso, em Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, em disciplinas pedagógicas dos cursos de nível médio, na modalidade Normal e/ou de Educação Profissional na área de serviços e de apoio escolar, ou ainda em modalidades e atividades como educação de jovens e adultos, grupos de reforço ou de fortalecimento escolar, gestão dos processos educativos, como: planejamento, implementação e avaliação de atividades escolares e de projetos, reuniões de formação pedagógica com profissionais mais experientes, de modo a assegurar aos graduandos experiência de exercício profissional, em ambientes escolares e não-escolares, que amplie e fortaleça atitudes éticas, conhecimentos e competências, conforme o previsto no projeto pedagógico do curso.(2006, p.15).

³<http://portal.ufsm.br/ementario/curso.html?curso=1587> Acessado : 03 de Junho 2014

⁴<http://portal.ufsm.br/ementario/curso.html?curso=1059> Acessado em 5 de junho 2014

Assim perpassando muitas vezes na cabeça dos graduandos, sentimento de impotência, de que tudo que foi estudado não serve de nada, se sentido obrigado a estagiar em um ambiente no qual não pretende exercer a profissão. De acordo com Libâneo:

O curso de Pedagogia deve formar o pedagogo stricto sensu, isto é, um profissional qualificado para atuar em vários campos educativos para atender demandas socio-educativas de tipo formal e não-formal e informal, decorrentes de novas realidades-novas tecnologias, novos ares sociais, ampliação das formas de lazer, mudanças nos ritmos de vida, presença dos meios de comunicação e informação [...] (2001 p.30-31).

Frente a esta questão, torna-se cada vez mais importante construir a identidade do pedagogo atual, se desvincilhando da figura professor, de modo a contribuir para a sociedade e que venha atender as demandas e exigências do mercado. Frente a realidades formais e não formais, desempenhando de forma criativa sua capacidade de colocar em prática o que lhe foi ensinado.

5 Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi compreender os fatores que levam o docente em pedagogia depois de formado não querer exercer a profissão professor. Desta forma, por meio da pesquisa qualitativa com questionários respondidos por sete participantes, sendo seis acadêmicas do curso de Pedagogia da UFSM e uma que já concluiu a docência. A partir das respostas dos participantes, agrupei por semelhança, assim chegando a três temas centrais, abordados no trabalho, sendo: questões salariais x valorização profissional x qualificação profissional, precariedade na educação e diferentes áreas de atuação do pedagogo. Ao analisar as respostas, ficou notório o descaso que a sociedade tem pelo pedagogo e que não somente questões salariais o fazem não querer ser professor, mas também a falta de conhecimento da sociedade com relação ao grande trabalho que o pedagogo pode desempenhar fora da sala de aula.

Foi possível observar que não somente quem quer ser professor procura o curso de pedagogia, mas sim quem acredita nas diferentes atuações e contribuições que esse profissional pode trazer para a sociedade. Foi possível compreender o quanto é difícil até mesmo dentro da graduação, através de relatos que afirmaram o mesmo cenário por mim vivenciado, de o assunto sobre diferentes atuações do pedagogo não ser aprofundado por seus professores e de colegas que acreditam que estamos tirando o lugar de quem quer ser professor.

Os resultados atingidos na pesquisa, podem se estender a fim de explorar mais detalhadamente os campos de atuação do pedagogo, qual sua satisfação profissional e experiências vivenciadas. Para além desta pesquisa, sugere-se compreender o porquê o assunto ainda não é tão explorado dentro da graduação, a partir do ponto de vista dos docentes das instituições formadoras e se há curso de extensão para as diferentes atuações, de modo a visualizar o mercado de trabalho e as possibilidades nele existente.

Referências

BRANDÃO, C.R. **O que é educação**. 28a. ed. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1993.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, Licenciatura**. Conselho Nacional de Educação. Ministério da Educação. Brasília, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394**. Ministério da Educação, 1996.

BRASIL. **Padrões Mínimos de Qualidade do Ambiente Escolar**, Fundo de Fortalecimento da Escola FUNDESCOLA / MEC.2000

CORTELLA. **Escola e o Conhecimento, fundamentos epistemológicos e políticos**. 8 ed, São Paulo: Cortez,2004.

CURY, A. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não, cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'água, 1997

_____. **Conscientização- Teria e prática da libertação ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Centauro, 1980.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999

KUENZER, A.Z.; CALDAS, A. R. **Trabalho Docente: Comprometimento e Desistência. Anais... IV SIMPÓSIO TRABALHO E EDUCAÇÃO**. Gramsci, Política e Educação. ago, 2007.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e Pedagogos, para Quê?**. São Paulo: Cortez, 4. ed.,2001.

MENEGHETTI, A. **Sistema e personalità**. Roma: Psicologica Editrice, 1994.

OLIVEIRA, S. L. **Sociologia das organizações: Uma Análise do Homem e das Empresas no ambiente Competitivo**. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

PIRES, J. A integração escolar de crianças portadoras de necessidades educativas especiais na classe regular: implicações e compromisso Social. Porto alegre: **Revista integração**,

42

Ministério da educação e Desporto. Secretaria de Educação Especial do MEC, ano 9, nº 21,1999.

ROGERS,C. R. **Tornar-se pessoa.** 5 ed. SãoPaulo: MartinsFontes, 2009.